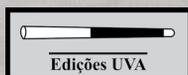


Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano



Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

*Nossa Gente,
Nossa História*
O Ceará Republicano

Sobral-CE
2019



Nossa Gente, Nossa História. O Ceará Republicano

© 2019 copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos (Organizador)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil.

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional.



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1328
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222 / 9 9846.8222
sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com

Conselho Editorial

Adriana Brandão Nascimento Machado
Carlos Augusto P. dos Santos
Isorlanda Caracristi
Nilson Almino de Freitas
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Foto da capa

Passeio público, Fortaleza, 1919

Catálogo na publicação

Leolgh Lima da Silva – CRB3/967



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE

CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à



Reitor

Fabianno Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Diretora das Edições UVA

Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Ana Iris Tomás Vasconcelos
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Claudia Goulart de Abreu
Eneas Rei Leite
Francisco Helder Almeida Rodrigues
Israel Rocha Brandão
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque
Maria Adelane Monteiro da Silva
Maria Amélia Carneiro Bezerra
Maria José Araújo Souza
Maria Somália Sales Viana
Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Renata Albuquerque Lima
Simone Ferreira Diniz
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Virgínia Célia Cavalcanti de Holanda

N785 Nossa gente, nossa história: o Ceará republicano. / Santos, Carlos Augusto Pereira. (Org.) - Sobral: Sertão Cult; Edições UVA, 2019. 294p.

ISBN: 978-85-67960-25-8
ISBN: 978-85-9539-035-5
DOI: 10.35260/67960258-2019

1. Sertão. 2. Educação 3. Cultura.
I. Título. II. Santos, Carlos Augusto Pereira.

CDD 981.31

Sumário

Nossa História, Nossa Gente. À guisa de prefácio e apresentação / 5

Parte 1 - O sertão da água, da seca e da religião

1. “O rio é uma riqueza imensa”: Usos e tradições sobre a importância da água no sertão de Santa Quitéria-CE (1960-1980) / 9

Maria Malena Paiva Mesquita

2. As mulheres e a seca: sobrevivência feminina em tempos de escassez em Varjota-CE (1980- 1990) / 19

Francisca Clédia Sousa de Oliveira

3. Os bastidores da seca: exploração dos trabalhadores nas frentes de serviço do Açude Araras, Varjota-CE (1951-1958) / 33

Letícia Rodrigues Gonçalves

4. Políticas públicas de combate à seca no município de Croatá-CE (1983-1996) / 45

Caubi Alves Braga

Naiane Nobre Martins

5. A seca e as obras de socorro no Ceará republicano (1889-1915) / 55

Pedro de Souza Filomeno Filho

6. Entre fanáticos e cassacos: a presença da Irmandade da Cruz nos sertões do norte do Ceará (1900-1903) / 65

Raimundo Nonato Fernandes

Parte 2 - O mundo do trabalho e da educação

7. “Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria”. Memórias da Casa Grande: moradores, rendeiros e agregados na cidade de Alcântaras-CE (1907-1920) / 85

Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara

8. “Depois foi que veio essa modernização”: as transformações nos engenhos de cachaça artesanal em Alcântaras-CE (1960-2000) / 95

Adelina Lopes Guimarães

9. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coreauá-CE: criação e processo de organização (1965 a 1990) / 103

Sebastião Ferreira Carneiro

10. O Ensino de História e cultura indígena em Hidrolândia-CE: a Lei 11.645 de 2008 e os meios para uma descolonização da imagem do indígena / 119

Paulo Ênio de Sousa Melo

11. Práticas de combate ao analfabetismo no Ceará / 133

João Henrique Brito Lima

12. A Educação na República / 145

Natanael Lopes Alves

Parte 3 - Culturas e sociabilidades diversas

13. Historiografia e cinema: percepções da diversidade na sétima arte / 157

Vinícius Pereira de Sousa

14. Espaços de sociabilidades homoafetivas em Sobral-CE (1950-2018) / 175

Alan Silva de Moraes

15. “Zé Maria mulher”: representatividade e resistência umbandista em Sobral / 185

Antonio Tarciano Aragão Sousa

16. “Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus”. Memórias de benzedeiros em Alcântaras-CE / 197

Maria Deiziane Lino

17. “Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino”. Memórias sobre o reisado groairense / 205

Raimundo Sousa Alves

18. Corpo em movimento, *Street Dance* e agências de patrimonialização cultural: uma experiência de pesquisa (Sobral-CE) / 221

Cleane dos Santos de Medeiros

Nilson Almino de Freitas

19. Ambivalências poéticas nas canções de Belchior – a ida e o regresso / 233

Francisco Sávio Barbosa do Nascimento

Parte 4 - Política e economia nas tramas do cotidiano

20. A Ação Integralista Brasileira (AIB) e sua influência no interior do Ceará: memórias do Integralismo em Ibiapina / 247

Odail José Martins Freire

21. A economia e seus impactos: Uma análise sobre Camocim (1930-1950) / 255

Valério Samaromni Moraes de Queiroz

22. Emissoras de rádio de Camocim: o relacionamento com grupos políticos, cultura e comércio locais (1980-1989) / 261

Maely Alves de Mesquita

23. A história da República passa por aqui! Camocim-CE (1889-1950) / 273

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História. À guisa de prefácio e apresentação

No semestre 2018.1, propusemos aos alunos da disciplina de História do Brasil III que escrevêssemos sobre a nossa gente, aquela que está mais próxima de nós, convivendo conosco ou mesmo um pouco distante num passado recente. A ideia era que se aproveitassem as pesquisas que estavam sendo feitas para a escrita dos seus respectivos TCC's e adaptássemos as temáticas para o período republicano, tempo que converge ao estudo da mencionada disciplina acima. Teríamos, portanto, uma espécie de painel do Ceará Republicana, pelos temas levantados nas primeiras aulas. Poucos alunos tiveram de sair do seu raio de pesquisa para cumprir com o objetivo final – publicar um livro com os artigos dos alunos em fase final de curso.

Durante todo o semestre, tivemos a discussão de uma obra que nos serviu de guia e inspiração: *Histórias da Gente Brasileira*. Volume 3, República. Memórias (1889-1950), de autoria da historiadora Mary Del Priore. Foi uma experiência interessante, pois cada vez que as discussões eram estabelecidas, sentíamos que aquelas histórias contadas, no caso do terceiro volume, narradas pelo viés da memória, eram questões que nos diziam respeito, que já ouvíramos contar pelos nossos pais e avós.

Por outro lado, constatamos também que estávamos especialmente longe dos exemplos contados nas diversas partes do livro referenciado. Apesar do fôlego e do abarcamento da obra empreendida por Mary Del Priore¹, o Nordeste e, especialmente o Ceará, pouco são citados. Logicamente que compreendemos os limites de um projeto editorial desta envergadura e da logística de pesquisa. Para nós, longe disso ser um aspecto desmotivador, ao contrário, fez com que, como se preenchêssemos uma lacuna, jogássemos todas as nossas forças na construção de histórias que representassem e contassem um pouco mais de nós.

O resultado foi a escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

¹ *Histórias da Gente Brasileira* é um projeto editorial escrito pela historiadora Mary Del Priore que cobre os diversos períodos da História do Brasil. Volume 1 – Colônia, Volume 2 – Império, Volume 3 – República (1889-1950) e Volume 4 (1950-2000), publicados pela Editora LeYa, 2017.

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Um último aviso ao leitor. Os textos aqui reunidos são de alunos em formação, mesmo estando em fase final de conclusão de curso. Expressam, portanto, suas trajetórias acadêmicas dentro de seus limites e potencialidades e devem ser entendidos e compreendidos dentro dessa dimensão. Como organizador, procurei interferir o mínimo no processo de orientação da escrita e incentivei que eles dividissem os processos de escrita com seus orientadores. Daí que, a maioria dos textos, já serem partes de suas monografias ou artigos finais de curso.

6 | Dizer, finalmente, que foi gratificante compartilhar saberes e ensinamentos com todos vocês, por isso o faço nominalmente: *Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antonio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samaronni Moraes de Queiroz e Maely Alves de Mesquita.*

Boa leitura a todos!

Carlos Augusto Pereira dos Santos (Org.)

Camocim, outubro de 2018.

12. A Educação na República

Natanael Alves Lopes¹

Introdução

Sabe-se que nos dias atuais a educação brasileira é bastante precária, tendo inúmeros problemas, como a indisciplina a desvalorização do professor. O desinteresse dos alunos, porém, nem sempre foi assim. Há alguns anos, a nossa educação era de melhor qualidade, os professores eram respeitados e, mais do que isso, eram temidos pelos alunos e até mesmo apoiados pelos pais dos estudantes. Era um modelo de educação bem rígido e bem intolerante quando o assunto é indisciplina e falta de interesse em aprender.

Sabe-se que na década de 1970 a escola que tinha referência em educação de ensino médio do Ceará era uma escola pública conhecida como Liceu do Ceará. Nos dias de hoje, causa-se até espanto ao sabermos que esse tipo de escola era considerada de bom desempenho. Mas se esta escola do estado era tão boa nessa época, isso também significava que ela era destinada apenas às classes mais abastadas da sociedade. Aos jovens das classes menos favorecidas, restava ingressar no campo de trabalho mais cedo.

Nessa época, de acordo com alguns estudiosos, os professores eram valorizados como figuras importantes na sociedade e na construção de uma nação próspera; a imagem que a sociedade tinha do professor era completamente diferente da de hoje.

A década de 1990 foi o divisor de águas na educação brasileira. Os professores já não são tão autoritários como antes, porém a indisciplina é corrigida. Os pais ainda estimulavam seus filhos a estudarem e a terem com os professores uma dose de respeito. A indisciplina ainda era corrigida, mas não tão severamente como antes. Nesta década, a indisciplina era ainda um tanto diferente da dos dias atuais.

Obviamente que existem outros fatores que levaram a educação na República à deterioração, como a maior liberdade que os alunos têm hoje em dia, a ignorância dos pais com relação à importância da educação, e o ataque ao método tradicional, afirmando-se que ele não é eficiente atualmente, e que para ajudar os alunos a se interessarem pelos conteúdos será necessário criar novas estratégias para prender sua atenção. Porém, o método tradicional funcionou perfeitamente por vários séculos. Portanto, se a educação na

¹ Graduando no Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

República declinou, o causador desse problema não é o método, e sim o fato de que os professores perderam a autoridade na sala de aula.

O artigo aqui apresentado tem a intenção de informar ao leitor os motivos do declínio da educação brasileira. Sabe-se que no nosso país houve um tempo em que os professores eram respeitados e a indisciplina era severamente corrigida. Apesar de naquela época muitas escolas públicas terem uma estrutura frágil, havia um excelente aprendizado e a educação nem sequer era obrigatória. O governo não auxiliava os estudantes com transporte, nos dias atuais as escolas têm computadores, data show entre outras tecnologias, transporte responsáveis pela condução dos alunos e as escolas têm uma melhor estrutura.

Nos dias atuais, a maioria dos estudantes não tem noção da importância do estudo e os professores são desrespeitados em sala de aula, a indisciplina predomina em muitas salas de aula. Neste artigo, serão abordados os caminhos que a educação brasileira percorreu para que os estudantes, mesmo rodeados de aparatos tecnológicos e tendo as melhores chances de serem bem-sucedidos e de serem bons cidadãos, jogam todas as oportunidades que lhes são concedidas pela janela.

146 | Ser professor nos dias atuais no Brasil é um desafio. Já conheci alguns filhos de professores que não desejam seguir a carreira dos pais porque professor é desvalorizado. Eu mesmo, quando dizia que queria fazer História para ser professor, algumas pessoas me desestimulavam porque diziam, segundo eles, que professores perdem muito tempo com alunos que não querem aprender. Se o leitor achou isso uma situação difícil de lidar, então prepare-se pelo que eu vou dizer. Até mesmo outros professores diziam que não era boa ideia eu seguir a carreira da docência.

O problema da educação no Brasil é mais sério do que imaginamos, a sociedade não valoriza os professores, e também muitos deles não valorizam a própria profissão. Desde já fica aqui a reflexão: se nem os próprios professores valorizam a profissão que desejaram seguir, como podem esperar que os outros valorizem? Portanto, se os professores querem ver sua profissão reconhecida como importante, têm de começar por eles próprios.

Ao invés da educação progredir, ela parece estar regredindo. Com uma educação de má qualidade, nossa sociedade estará fadada ao fracasso, não à toa, os brasileiros ficam na última colocação nos testes internacionais.

Educação autoritária no Brasil

Dizer que os professores eram respeitados nas salas de aula no passado no Brasil é eufemismo, é mais correto dizer que os professores eram temidos.

Naquela época, o modelo de educação era uma didática rígida com o uso da palmatória. O professor passava o conteúdo e depois havia as perguntas. Caso o aluno não soubesse ou errasse, eram aplicados castigos físicos. Ainda há relatos de que os alunos que sabiam as perguntas feitas pelo professor aplicavam a palmatória nos que não sabiam. A palmatória era um objeto com cabo e esfera de madeira, o castigo físico aplicado no aluno era conhecido como “bolo”. De acordo com Raimundo Soares, contemporâneo da palmatória, “naquele tempo os alunos estudavam muito com medo da palmatória, quando o aluno levava bolo do outro ele estudava muito a cartilha do ABC para descontar no outro que deu bolo nele”. Ainda sobre a palmatória, Raimundo Soares nos dá mais detalhes em como era aplicada: “A professora mostrava as letras na cartilha aos alunos e ela perguntava ‘que letra é essa?’ O aluno que não soubesse, ela perguntava a outro. Se ele soubesse a letra, o que acertou dava o bolo nele”².

A indisciplina no período anterior a República era bem diferente da de hoje, sem contar que eram raros os alunos indisciplinados. Conta-se que no Colégio da Providência, em Reriutaba, na década de 1970, quando os alunos começavam a conversar na hora das explicações, eram repreendidos, se insistissem nas conversas, o diretor era chamado, os alunos poderiam até ser suspensos por dois dias ou até mesmo uma semana, dependendo da situação, os pais da criança ou do adolescente eram chamados à escola e informados sobre a situação.

Minha avó, Jovina Alves de Sousa, já falecida, que na década de 1920 estudou na casa de uma senhora que ensinava as crianças da região de Cabeceira, zona rural da Reriutaba, contava o seguinte relato:

O marido da professora tinha acabado de sair e pediu para ela ficar de olho na carne de porco que estava sendo assada, ela esqueceu, a gente estava sentido um cheiro de queimado eu falei com a minha amiga que era a carne de porco que estava queimando, a professora viu a gente conversando e perguntou em um tom grosseiro: o que é que estão vendo? Aí a gente se calou³.

Outro relato que minha avó conta de seus tempos de estudante e que nos ajuda a entender como eram tratados simples atos que naquela época eram vistos como indisciplina: “Passou o marido da professora no terreiro, quando derrubou o chapéu a gente começou a rir, a professora disse: “Que é que estão vendo”? Com um tom de autoridade, aí a gente se calou”⁴.

² Raimundo Soares, pedreiro, 64 anos. Entrevista realizada pelo autor em 12 de outubro de 2018. Varjota-CE.

³ Jovina Alves de Sousa. Relatos guardados em minha memória.

⁴ *Idem*.

As crianças da zona rural percorriam longas distâncias a pé até a cidade para conseguir estudar. O governo não oferecia transporte, e nem ao menos dava muitos recursos financeiros para as escolas, pelo menos nas cidades do interior. Naquele tempo, nem todos os professores tinham formação acadêmica, para se dar aula no primário, era preciso no mínimo ter pelo menos até a 4ª série. Muitas pessoas que tinham pelo menos esse grau de ensino montavam sua “escolinha” na própria casa, arrumavam uns bancos, informavam uns vizinhos e estava feita a “creche”.

Existem relatos de que o período anterior à redemocratização os professores só explicavam o conteúdo uma vez. Quem não tivesse prestado atenção perdia a chance de aprender, porque o professor não voltava a repetir as explicações, ao que tudo indica, o único direito que o aluno tinha era de ouvir e aprender, nada de questionar.

Minha professora da 4ª série, quando ensinava as operações matemáticas para nós e depois fazia algumas perguntas e nós contávamos nos dedos para ajudar a acertar as respostas, nos dizia que quando ela estudava a matemática na escola, no tempo dela, a professora não permitia que ela contasse nos dedos ou não ganharia a nota.

148 | Esse tipo de educação é um modelo que exige muito dos alunos, e os professores parecem mais autoridades dentro das salas de aula do que um simples mediador entre o aluno e o conhecimento, como se propõe nos dias atuais. Esses métodos, se comparados com os de hoje, parecem ser bem insensíveis. Para o leitor ter noção de como na década de 1980 a indisciplina era corrigida, aqui contaremos um caso:

Em plena aula, um aluno xingou um de seus colegas por ser homossexual. O estudante ofendido reclamou ao professor do insulto. No mesmo instante o professor se dirigiu ao aluno indisciplinado e lhe disse: “Ei você, para fora!” e o jovem teve de se retirar da sala. O jovem homossexual teria dito “vai com a pomba do divino”. O professor se dirigiu a este também e lhe disse: “você também para fora!” e aquele jovem também teve de se retirar da sala.

Outro caso semelhante a este primeiro é narrado. Conta-se que uns quatro garotos estavam brincando na hora do recreio quando aqueles tiveram descaso com o banco da escola. O diretor, que era um ex-padre mandou chamar aqueles garotos e disse que iria expulsá-los por “descaso com o patrimônio público”. Um dos garotos pranteava, porque sabia que quando chegasse em casa seu pai lhe daria muita surra. Outro daqueles garotos disse: “Diretor, me expulse, mas não expulse ele (se referindo ao garoto que chorava). Meu pai vai me matricular ano que vem, mas, o pai dele vai matar ele quando chegar em casa”. Então aquele diretor disse: vendo por esse lado, você está certo, então não vou expulsar vocês, mas se eu souber que vocês

fizerem alguma outra bagunça, não vou querer nem ouvir vocês, irão logo para a expulsão.

Se comparados com os dias atuais, os professores e diretores daquela época eram um tanto desumanos, apenas davam o conteúdo e os alunos que se virassem para aprender. Era uma educação de modelo bem individualista, ouvir e entender o aluno não era com eles, qualquer ato de indisciplina, por menor que fosse, era severamente rechaçado em nome da moral e da boa conduta para se formar bons cidadãos.

É preciso lembrar também que naquele tempo as crianças e jovens tinham estímulos dos pais para frequentarem a escola, a educação naquela época não era obrigatória, portanto, os pais que matriculavam seus filhos na escola, faziam isso não por obrigação, e sim porque realmente queriam um futuro promissor para seus filhos.

Vale ressaltar que esse modelo de educação, como Molde, traz vantagens como os conceitos de esforço, autodomínio, responsabilidade e disciplina, porém, esses métodos, embora eficientes no que diz respeito ao ensino, são inadmissíveis nos dias de hoje, precisam de um método que além de eficaz seja humano, e não despótico.

Década de 1990

| 149

A década de 1990 é o marco entre o ensino de viés autoritário e a educação atual, com seus grandes problemas, onde o professor não é valorizado e não se tem o mínimo de respeito pelos profissionais da educação. A indisciplina tornou-se um dos principais desafios dos professores na atualidade, e com isso nosso país declinou nos processos de aprendizagem.

De acordo com um relato de um indivíduo, que foi aluno na década de 1990 no Ensino Fundamental, havia sim doses maiores de indisciplina do que no período da educação de modelo molde, porém, ainda era uma indisciplina bem longe da dos dias atuais, era uma indisciplina de insultar e apelidar uns aos outros, não de desrespeitar o professor, alguns levavam esses tipos de gozação na brincadeira, outros não.

De acordo com ele, o respeito que os estudantes tinham pelos pais, tinham pelos professores, e “as famílias na década de 90 eram mais estruturadas não no sentido econômico, mas no sentido familiar, eram menos fragmentadas”⁵.

Naquela época, os pais repassavam aos filhos a ideia de que a escola era uma extensão do lar, ou uma segunda casa, o estudo era visto como algo de

⁵ O depoente não quis ser identificado.

vital importância para a sociedade naquele momento, por isso se tinha respeito pela figura dos professores.

O estudante de pedagogia relata ainda, que seus pais o incentivavam a estudar, se ele fosse à escola pela manhã, trabalhava à tarde ajudando seu pai. No próximo ano, se estudasse à tarde ajudava seu pai pela manhã. Por esses relatos, nota-se que estudar na década de 1990 era visto como um privilégio, e não como um enfado.

De acordo com minha irmã, a professora de Letras Inglês Gleiciane Lopes, que estudou no primário na década de 1990 numa escola particular, os alunos daquela época eram mais comportados. Assim como o estudante de pedagogia relatou que alunos insultavam uns aos outros e não desrespeitavam os professores, “não havia muitas conversas na hora da explicação”, diz a professora de inglês. Ela diz ainda que ela era uma das alunas mais comportadas da classe, isso porque seus pais, desde cedo, lhe diziam que “a escola é um lugar para estudar”, “por isso era comportada”. Por esta passagem, percebemos a importância dos pais na formação educacional e escolar das crianças, como também na valorização dos professores⁶.

150 | Posso dizer que eu ainda acompanhei esse tempo onde se exigia disciplina dos alunos nas escolas. Em 1999 eu estudava na alfabetização e um dia eu entreguei a tarefa de casa respondida de caneta e a professora perguntou: “Natanael Eu mandei você fazer de caneta”? Naquele instante comecei a chorar e, por coincidência, alguns outros colegas tinham feito alguma coisa de errado e também choraram (antes até de mim) pela repreensão da professora. Naquele dia, todos nós que fizemos algo de errado ficamos sem recreio, parecia até que a gente tinha combinado de fazer algo de errado para ficar dentro da sala na hora do recreio.

Existem relatos de alunos do Ensino Médio na década de 1990 que até mesmo chamaram palavrões com professores, mas ainda nessa época os professores tinham maiores chances de corrigir tais atos de indisciplina. Podemos dizer que ainda restava uma parcela de autoridade e respeito aos professores.

Dias atuais, a crise na educação brasileira

Quando eu fiz estágio no Ensino Fundamental, consegui ver de perto os graves problemas que afetam a educação brasileira. Primeiro fui ao 9º A e

⁶ Gleiciane Lopes, 30 anos, professora. Entrevista realizada pelo autor, em 12 de outubro de 2018. Varjota-CE.

pude ver que boa parte daqueles alunos era bem participativa. A professora perguntava o que eles tinham visto na aula passada e muitos deles lembravam. É bem verdade que havia também alguns que dormiam, algumas conversas e a professora teve de chamar a atenção deles. Mas esses casos eram raros naquela classe, aquela sala era o sonho de qualquer professor, eu diria, era uma turma mais comportada e melhor disciplinada.

Já quando eu fui para o 9ºB, as coisas mudaram completamente e a maioria dos alunos conversava, faziam piadas com o conteúdo da aula, não prestavam atenção nas explicações. Eu via a professora perdendo muito tempo chamando a atenção dos alunos, havia uma quantidade mínima naquela sala que ainda fazia algumas perguntas à professora, mas no geral, havia uma desconcentração enorme na hora das explicações, a maioria daqueles alunos não conseguia absolver o conhecimento histórico que a professora lhes oferecia.

Segundo eu soube, existem escolas em nosso país que colocam os alunos considerados melhores em uma sala e os considerados piores em outra. Essa explicação nos mostra como uma das salas pode ser considerada melhor e outra a pior. Eu passei em algumas outras salas de aula e havia aquelas que eram medianas, isto é, nem considerada tão ruim nem tão boa, pude observar que muitos daqueles estudantes não dão muita importância aos estudos e a figura do professor não era bem respeitada como deveria ser, as aulas eram atrapalhadas pelos estudantes diversas vezes, que faziam diversos tipos de barulhos, e muitos desses alunos eram pouco atentos às aulas.

Muitas escolas hoje têm computadores, salas de vídeo, se passa filmes para os alunos, têm transporte, se usa data show, entre outras tecnologias para melhor aprendizado dos alunos, existem livros didáticos para todas as escolas. Como é possível com tantas novidades e inovações na educação as coisas irem tão mal assim?

As causas pelas quais a nossa educação tem declinado tanto são diversas. Se até pelo menos a década de 1990 os jovens respeitavam seus pais, nos dias atuais isso está mais difícil. Lembremo-nos da frase do estudante de pedagogia, que na década de 1990 “havia respeito pelos professores porque havia respeito pelos pais”. Parafrazeando um amigo meu, que disse que não se casaria com uma mulher que mente para a mãe porque ela também vai mentir para o marido, se uma mulher mente até para a própria mãe irá ser verdadeira para alguém de fora? Se um jovem não tem respeito pelos próprios pais, terá respeito pelos seus professores?

Uma professora minha da faculdade mencionou que um dos motivos da indisciplina é o fato dos pais darem muitas liberdades aos seus filhos. Quan-

do um uma criança ou adolescente quer uma coisa, mesmo que os pais tenham dificuldades de arcar com o desejo de seus filhos, muitos desses pais acabam cedendo, assim, essas pessoas vão crescendo não conhecendo a palavra “limite”.

O programa do Governo Federal Bolsa Família foi importante, pois atendeu a diversas famílias carentes, mas com o passar do tempo, esse programa pode ter se tornado um problema para a educação, pois muitos dos pais não estariam mais preocupados com a educação de seus filhos. A educação nos dias atuais perdeu um dos seus principais pilares, o incentivo dos pais para o estudo, esse fator, que como já foi citado aqui, foi fundamental para que haja uma melhor disciplina dos estudantes⁷.

Nos dias de hoje, se diz que o tempo da adolescência é o tempo da rebeldia, eu mesmo já ouvi dizer quando eu tinha meus doze anos, na época que eu estava prestes a me tornar um adolescente, que essa era uma fase difícil, mas eu mesmo nunca cometi qualquer ato de rebeldia e nunca ousei a desafiar meus pais.

152 | Hoje em dia há uma vitimização dos estudantes. Quando eu era aluno do Ensino Médio, um professor meu disse que não era aceito que eles dessem nota zero aos estudantes. Conversei com uma senhora, que também já foi minha professora, e ela disse que a Secretaria de Educação orienta os diretores das escolas a não permitir que os alunos sejam mandados para a secretaria ou a baixar pontos dos estudantes, dessa forma fica meio difícil ter o domínio das salas de aula.

A educação no Brasil se tornou um caso tão sério que é inadmissível que os professores reprovem grandes quantidades de alunos, mesmo muitos deles não sabendo o conteúdo, tirando notas baixas e sendo indisciplinados. Os professores são obrigados a passá-los de ano, tirem a nota que tirarem.

O respeito pelo professor é essencial para que tenhamos uma educação de qualidade e tenhamos um país desenvolvido. Existem algumas teorias da conspiração que tentam explicar o motivo dessa crise educacional que nosso país enfrenta. Uns falam que o governo quer que os alunos continuem sem instrução para se criar uma sociedade passiva quanto aos atos de corrupção, outros falam que para Brasil não aparecer entre os países com maiores índices de reprovação e ter uma melhor reputação internacional, o governo obriga os professores a não reprovarem grandes quantidades de alunos. Não cabe aqui especularmos sobre teorias da conspiração, mas se sabe que

⁷ NOTA DO ORGANIZADOR. Apesar de respeitar a opinião do autor, percebe-se nessa análise uma generalização, colocando-se na conta do Programa Bolsa Família algumas atitudes individuais de algumas famílias. Um dos critérios para permanecer e receber o Bolsa Família é estar com os filhos devidamente matriculados e com frequência em dia.

o professor foi completamente desarmado contra a indisciplina dos alunos, restando apenas ver sem poder fazer nada alunos seus passando de ano sem saber de quase nada ou, em muitos casos, de nada.

Considerações finais

Não sou defensor do modelo de ensino autoritário, nem tampouco acho que seja a solução para a crise educacional que se encontra em nosso país, mas creio que nossos professores precisam ser mais valorizados, tanto pela sociedade, quanto dentro das salas de aula. Em todas as salas do ensino médio e fundamental que entrei havia casos de indisciplina, umas em maior, outras em menor escala. Creio que em toda escola do ensino regular, seja pública, seja privada, o professor terá de lidar com questões de indisciplina e falta de interesses por parte de alguns alunos.

Uma sociedade com muitos deveres e poucos direitos é uma ditadura, uma sociedade com muitos direitos e poucos deveres é uma anarquia, então deve haver um equilíbrio para que não haja nem uma ditadura nem uma anarquia, essa é a lição que quero deixar para os leitores desse artigo. As salas de aula anterior às décadas de 1990 parecia uma mini ditadura, com professores que de forma alguma toleravam a indisciplina. As salas de aulas após essa década parecem mais uma verdadeira anarquia, com alunos que se comportam mal, e não se interessam pelas aulas.

|153

É necessário que os professores voltem a ter o respeito que tinham antes, para isso é necessário que sua autoridade na sala de aula seja restituída. É preciso que as famílias tenham consciência da importância da formação educacional de seus filhos e voltem a ensinar às crianças o devido valor do estudo e da escola, isso será uma peça fundamental na valorização da classe docente. Se a família não se preocupa com a educação dos filhos e o governo tira a autoridade de sala de aula, como querem que o professor resolva tudo sozinho? Esse é um dilema que não vai ser tão fácil de responder e muito menos de se resolver.

Com a desvalorização dos profissionais da educação, eu posso afirmar com todas as letras que quem realmente perdeu não foi o professor, que tem de suportar o descaso e o desrespeito de seus alunos. Quem perde de verdade são os próprios alunos, que por não adquirirem o conhecimento e a instrução necessária não conseguem ingressar no nível superior e continuam na classe baixa, desempenhando muitas das vezes os mesmo empregos de seus pais. Nada contra esses empregos, acho que são essenciais para a sociedade, mas é como dizem por aí: “estudem, porque uma caneta é mais leve que uma pá”.

A maioria dos alunos que conheci no estágio do Ensino Fundamental parecia estar adormecida quanto a importância da escola em suas vidas, dessa forma nunca sairá do atraso, nossos profissionais são capacitados, mas não valorizados. Aí está o segredo para a derrota da nossa educação.

Autores desta obra

Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antônio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Nilson Almino de Freitas, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samarooni Moraes de Queiroz, Maely Alves de Mesquita, Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História é o resultado da escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-9539-035-5



9 788595 390355